

O PAPEL DE MACAU ENQUANTO PONTE DE LIGAÇÃO NO DELTA DO RIO DAS PÉROLAS*

*Gary Ngai ***

A SAÍDA DA ECONOMIA DE MACAU

Após a publicação do relatório de McKensey há alguns anos, teve lugar uma prolongada discussão sobre a problemática da realidade económica de Macau. A grande pergunta que se punha era esta: «Quais as saídas para a economia de Macau?». Até hoje, no entanto, não parece que se tenha encontrado uma resposta que a todos satisfaça quanto a este problema.

Dada a intensificação da competição dos mercados registada nos últimos anos, Macau enfrenta hoje uma situação crítica: a produção industrial registou uma estagnação, e muitos dos processos de elaboração têm hoje lugar no exterior, ou seja, em outros países ou no interior do continente; do mesmo modo, tem-se registado uma diminuição das percentagens de crescimento das exportações. De facto, as indústrias de manufactura concentrada chegaram, por assim dizer, ao fim dos seus dias nos finais da década de setenta, não sendo viáveis segundo o seu modelo tradicional. Por todo o lado se ouvia o apelo à transformação das indústrias de manufactura em indústrias de tecnologia e capital concentrado; registaram-se alguns resultados, mas, de uma maneira geral, a resposta foi insignificante. A vontade de investir é quase inexistente entre os empresários locais, e o investimento proveniente de fora é insuficiente; por outro lado, o auxílio prestado pela Administração do Território é pouco eficaz — sobretudo no plano da formação de pessoal. Assim, a tão necessária e falada «transformação» acabou por ficar no papel.

No entanto, e devido às exigências impostas pelas leis do mercado, a transformação arrancou, silenciosa, embora não obedecendo ao modelo de transformação dos «quatro pequenos dragões» — levantarem-se por si próprios — pois que, em relação a estes países e à região de Hong Kong, as condições de Macau são muito inferiores, não lhe permitindo uma atitude de crescimento individual.

* Texto apresentado no V Simpósio sobre o Relacionamento Cantão-Macau.

** Vice-Presidente da Associação das Ciências Sociais de Macau.

O desenvolvimento dos últimos mais de vinte anos registado em Macau deveu-se ao capital e força tecnológica de Hong Kong sobretudo; mas hoje, o vizinho território enfrenta também os seus próprios problemas na área da transformação industrial, não tendo assim nem forças nem interesse para com Macau, à excepção da compra e venda de propriedades no que Hong Kong continua a investir em Macau. No entanto, no plano da indústria secundária, Hong Kong não demonstra qualquer interesse na actividade do Território nesta área.

Todavia, no sector do jogo, Macau continua a ser uma flor ainda por desabrochar completamente; do mesmo modo, todos os ramos de actividade relacionados de alguma maneira com o jogo, como sejam a hotelaria, restaurantes, e comércio e outros ramos que ou alimentam ou estão dependentes desta área, continuam a registar um crescimento positivo de dia para dia, e a percentagem de crescimento nestas áreas, no valor global da economia do Território, ultrapassou a da indústria nos últimos dois anos. O valor do produto do jogo, finanças e demais serviços da indústria terciária ocupa 60 a 70 por cento do valor global da economia do Território, e continua a registar uma tendência de crescimento contínuo.

O jogo é uma vantagem do Território, mas é um ramo fraco. Em Monte Carlo, por exemplo, a percentagem do produto do jogo no valor da economia municipal desceu já para menos de 10 por cento, enquanto as receitas dos outros serviços, nomeadamente do turismo, ultrapassaram já as do jogo. Outro exemplo será Las Vegas — consciente de que não pode depender do jogo para consolidar a sua base económica, a cidade começou a planear o desenvolvimento de diversas actividades culturais e turísticas.

Em termos do desenvolvimento do turismo cultural, Macau goza duma vantagem natural: o riquíssimo património e recursos disponíveis, devido apenas ao facto de ser, há mais de quatro séculos, um importante ponto de encontro das culturas do Oriente e Ocidente; de lamentar é que as suas potencialidades estejam longe de ser convenientemente exploradas, não tendo, até hoje, merecido a devida consideração por parte da sociedade local. É no entanto digno de menção, e pode mesmo dizer-se que dá um certo conforto, ver que o Governo de Macau incluiu o turismo cultural no relatório da Administração para o corrente ano; mas atingir esta meta vai exigir o emprego de grandes recursos, humanos e financeiros, de personalidades não só nacionais como estrangeiras, desejando que, no virar do século, Macau se possa tornar a pioneira do turismo cultural do Delta do Rio das Pérolas e ponto particular de interesse turístico, com características muito próprias, na região da Ásia-Pacífico.

Só com a conclusão da construção das grandes obras do aeroporto internacional de Macau e porto de águas profundas, da ligação a Macau do caminho-de-ferro e auto-estrada Cantão-Zhuhai, e da exploração das ilhas da Montanha e D. João, a posição de Macau no Delta do Rio das Pérolas poderá elevar-se consideravelmente.

Actualmente, mais e mais pessoas, não só da Administração como das mais diversas camadas sociais, começam a reconhecer que a única saída

para a economia de Macau reside no fortalecer dos laços de cooperação com as regiões vizinhas.

O PAPEL DE MACAU NA COOPERAÇÃO REGIONAL

A partir de 1979, ano em que se implementou no interior do país a política de abertura ao exterior, o papel de Macau, o segundo porto livre da região, vem exercendo uma influência radial cada vez maior sobre o Delta do Rio das Pérolas, nomeadamente a Oeste do Delta. Aproveitando esta janela internacional que é Macau, Zhuhai conseguiu desenvolver-se rapidamente.

A primeira empresa de elaboração de material fornecido pelo cliente e o primeiro projecto de turismo de cooperação sino-estrangeira do país, foram estabelecidos em Zhuhai precisamente por empresários de Macau. Embora o Território seja pequeno e o nível de desenvolvimento seja muito baixo em diversas áreas em relação a Hong Kong, Macau já começou a desempenhar um papel insubstituível de «segunda Hong Kong». Na área do investimento estrangeiro na Zona Económica Especial de Zhuhai, por exemplo, no período de 1979 a Março de 1992, Zhuhai tirou proveito de investimentos totalizando 1,1 biliões de dólares norte-americanos — metade dos quais proveniente do Território; Macau investiu em mais de 400 empresas de Zhuhai em todos os três sectores da indústria, sendo o segundo maior investidor estrangeiro de Zhuhai.

Há capitais de Macau investidos um pouco por todo o Delta do Rio das Pérolas, particularmente na zona Oeste, tendo-se criado uma chamada situação de «loja na frente e fábrica nas traseiras»; segundo a lei, sempre que 30 por cento do processamento dos produtos seja realizado em Macau, esses produtos podem obter certificado de origem de produção em Macau, para exportação para os países europeus e da América que aplicam sistema da importação por quotas. Devido ao facto de Macau gozar de maiores vantagens no GATT e no Acordo Multifibras do que Hong Kong, o Território possui atractivos consideráveis. Segundo as estatísticas, o investimento dos empresários de Macau em Cantão, nomeadamente no Oeste do Delta do Rio das Pérolas, atingiu, em 1990, 34 milhões de dólares norteamericanos, e, em 1991, subiu vertiginosamente para 92 milhões. As condições de Macau atraem também empresários de Taiwan, que, tomando Macau como base, estabelecem parte das indústrias de concentração de mão-de-obra no Delta do Rio das Pérolas e indústrias de alto incremento de valor em Macau, a fim de elevar a capacidade competitiva dos produtos no mercado internacional, e, ao mesmo tempo, aproveitando as condições vantajosas de Macau, exportar produtos para a Europa, como medida contra a ameaça exercida pelo facto de os Estados Unidos tenderem a anular os vantajosos impostos alfandegários que pratica para com a China.

Aproveitar o vantajoso estatuto de Macau para obter uma maior eficácia em termos de investimento é uma estratégia de tendência, por assim dizer, bidireccional, porque, por um lado, temos os capitais locais e do exterior que tentam tomar Macau como a sua «loja de frente», e, por

outro, o capital do interior do país tende a entrar no mercado internacional através de Macau. Zhuhai e Zhongshan, por exemplo, manifestam interesse em participar na construção do bairro industrial de Macau, a fim de aproveitar a mão-de-obra barata do interior e a alta tecnologia e informática de Macau, produzindo produtos de alto valor acrescentado.

Com o desenvolvimento da construção infra-estrutural de Macau e do interior do país e o aperfeiçoamento das normas que visam facilitar e garantir o investimento, Macau, como ponto de partida ou de chegada da indústria secundária, desempenhará um papel cada vez mais notório nesta área.

Não obstante, a cooperação regional não se limita à indústria secundária; com efeito, tudo leva a crer que a cooperação na área da indústria terciária vai ocupar um lugar cada vez mais importante.

1. Como porto livre e de trânsito, Macau deve procurar melhorar os serviços prestados na área do Oeste do Delta do Rio das Pérolas. A qualidade deste tipo de serviços está muito atrasada em relação a Hong Kong. Quanto ao regime e ao custo, Macau deve lutar por ser mais competitiva do que Hong Kong, apostando na grande eficácia do futuro aeroporto e porto de contentores. Em 1990, o valor global das importações e exportações (incluindo reexportações) entre Cantão e Macau atingiu 202 milhões de dólares norte-americanos, e subiu, em 1991, para os 288 milhões, o que mostra bem que as potencialidades são enormes. Se for desenvolvido um trabalho cuidado de planificação nesta área, a cobertura dos serviços de reexportação e trânsito há-de ultrapassar o Oeste do Delta do Rio das Pérolas, com os seus 16 mil quilómetros quadrados de superfície e nove milhões de população, expandindo para o grande Sudoeste do país. Quando o caminho-de-ferro Cantão-Macau se juntar à rede ferroviária nacional, esta vantagem será plenamente aproveitada.

2. Os serviços nas áreas das finanças e atracção de verbas são outro aspecto importante. Macau não é, de momento, um verdadeiro centro financeiro regional e o seu mercado de acções também não se formou, mas estão a criar-se as condições necessárias para que esta realidade venha a ser palpável, através da manutenção de relações directas com diversos grandes centros financeiros do mundo, e envidando-se constantes esforços para aperfeiçoar as leis bancárias, contando com uma série de vantagens próprias: as reduzidas taxas de impostos, um regime de impostos simplificado, comunicações avançadas, ricas reservas de divisas que circulam livremente — o que possibilita a Macau desenvolver um cada vez maior papel na área do amealhar de capitais. Em 1990, Cantão utilizou no total 40 milhões de dólares norte-americanos de Macau (incluindo empréstimos), e, em 1991, 102 milhões de dólares norte-americanos. O Banco da China, o mais poderoso banco em Macau, desempenhou, a partir da implementação da política de abertura ao exterior, um importante papel na colecção de capitais para as empresas do interior. Significativo será também o facto de alguns bancos de capital estrangeiro de Macau terem começado a instalar sucursais no Delta do Rio das Pérolas.

3. Os intercâmbios na área da informática são também uma área importante. Há vários anos, alguns municípios e distritos do Oeste do Delta do Rio das Pérolas estabeleceram representações em Hong Kong e Macau, tendo obtido informações sobre comércio, finanças, ciência, tecnologia e gestão, transmitindo-as para o interior do país e convertendo-as rapidamente em produtividade. Entretanto, através do estabelecimento estrangeiro, obtiveram também informações sobre o investimento e comércio do interior do país, promovendo o seu investimento e comércio com o interior. O papel intermediário de Hong Kong e Macau, aproveitando as vantagens geográficas naturais, e através de acções de promoção, contribuiu bastante para se formar inicialmente, ao longo dos últimos dez anos, um sistema de economia de mercado no Delta do Rio das Pérolas, fazendo da região uma das zonas mais desenvolvidas do país, em termos de economia de mercado, sendo hoje uma verdadeira «faixa de ouro» em termos de crescimento económico.

A influência radial de Hong Kong é muito maior do que a de Macau, mas não faltam hoje personalidades que consideram o papel de Macau como de crescente importância, dizendo que «Macau não pertence apenas ao Delta do Rio das Pérolas, mas a todo o país», de tal modo que aproveitar Macau em prol do país é hoje um tema de investigação.

No ano transacto, a ONU estabeleceu um centro de «software» em Macau, a primeira grande acção de quebrar das barreiras que têm de certo modo isolado Macau, e que nos leva a pensar que Macau pode na realidade vir a converter-se numa importante base de concessão de tecnologia e gestão moderna.

O acordo de cooperação que Macau assinou em Junho do ano corrente com a CEE, terá sido a segunda grande barreira que caiu; graças a este acordo, Macau vai poder ser a ponte da cooperação económica que une a CEE à China e até inclusive ao Leste Asiático. Esta foi uma estratégia das altas esferas da Administração.

MAÇAU, PONTE DE PROMOÇÃO DA COOPERAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL ENTRE A CEE E A CHINA

Depois do processo de integração de trinta anos, a CEE, que tinha no início apenas seis membros, conta hoje com doze países membros. O Tratado de Roma de 1957 apela ao acelerar do reajustamento da estrutura industrial e integração na área das finanças, protecção do meio ambiente, ciência e tecnologia e políticas sociais, com o objectivo de, em Janeiro de 1993, levantar as fronteiras para se realizar a livre circulação de mercadorias, capitais e pessoas. O Tratado de Maastricht, apenas dado à luz, estipula ambiciosamente que, no virar do século, se vai realizar uma completa integração política e económica. Realizada a meta, a Europa converter-se-á, no próximo século, na maior entidade económica do mundo.

No Oriente, nomeadamente na região da Ásia-Pacífico, incluindo a China, que possui o maior mercado interno do mundo, há-de manter-se um alto ritmo de crescimento económico até aos fins do século, podendo

prever-se já que esta região possa reunir vários recordes económicos mundiais; por outro lado, a tendência de integração económica também surgiu nesta região, embora em grau diferente.

A partir da década de noventa, o fortalecer das ligações e cooperação entre a CEE e a região da Ásia-Pacífico passou a revestir-se de um maior significado estratégico, e Macau há-de desempenhar um papel significativo nesta área.

Durante muitos anos, devido à sua particular posição e ao relacionamento especial existente entre Portugal e a CEE, Macau gozou de várias condições vantajosas, e o seu constante *superavit* (em 1991, a CEE substituiu os Estados Unidos passando a ser o primeiro mercado de exportação de Macau, recebendo 38,2 por cento das exportações de Macau) no comércio com a CEE nunca constituiu um obstáculo para o aprofundamento das suas relações com a Comunidade. Sob um ângulo político, cultural e económico, Macau possui melhores condições do que Hong Kong para desenvolver relações de cooperação vantajosas com a CEE.

Na primeira metade do ano corrente, aproveitando-se a ocasião da subida de Portugal à presidência da CEE, assinou-se com sucesso o «acordo da cooperação comercial entre Macau e a CEE», que tem uma validade de cinco anos, e pode ser prorrogado por mais um ano. As partes contratantes, em conformidade com o GATT, fornecem, uma à outra, o estatuto de «país mais favorecido», nas áreas da importação e exportação, reexportação, pagamento, transferência de contas, e tratamento de formalidades administrativas e jurídicas, a fim de promover o desenvolvimento e diversificação do comércio. O acordo define ainda que ambas as partes facilitem mutuamente actividades a desenvolver nas áreas da produção cooperativa, daco-administração empresarial, transferência de tecnologia, cooperação de instituições financeiras, simpósios e intercâmbios diversos, assim como indústria, ciência e tecnologia, energia, transportes, informática, telecomunicações, protecção do meio ambiente, turismo, pesca, serviços alfandegários, estatística, direitos e propriedade intelectual e industrial, desenvolvimento social e luta contra a droga; serão ainda envidados esforços no sentido de melhorar o ambiente do investimento, promoção da diversificação e desenvolvimento das indústrias e serviços de Macau, e elaboração de orientação para a cooperação na áreas das médias e pequenas empresas, às quais serão fornecidas facilidades na obtenção de capitais, tecnologia e penetração dos mercados. A formação de técnicos, particularmente a preparação de quadros administrativos, foi também enquadrada no acordo.

Vê-se bem a envergadura da cooperação. O acordo define também que serão examinadas regularmente a execução das suas cláusulas. Igualmente clara é a decisão e estratégia da Administração de Macau no aproveitar das forças exteriores, para transformar rapidamente a estrutura da economia do Território. As zonas vizinhas que têm relações de cooperação com Macau hão-de beneficiar igualmente desta estratégia.

Um recente e visível progresso desta estratégia terá sido o estabelecimento, em Setembro último, do Euro-Infocentre (EIC) em Macau, admi-

nistrado conjuntamente pela Caixa Geral de Depósitos, Banco Nacional Ultramarino e o Instituto de Promoção do Investimento em Macau. Este centro, ligado a 210 centros de informática da Europa, pode fornecer rapidamente a Macau informações da CEE nas áreas do planeamento do desenvolvimento, medidas políticas, direitos, empréstimos, comércio, ciência e tecnologia, dados estatísticos e actividades de empresas, transmitindo-as para toda a Ásia.

Por outro lado, o centro dá notícia das actividades financeiras e económicas da região e requerimentos de projectos de investimento às respectivas empresas e personagens da CEE, facilitando a investigação do mercado e a decisão do investimento.

Este tipo de serviços de informática bidireccional, segundo as leis, tem de seguir o princípio de segredo rigoroso e não lucrativo. O estabelecimento deste centro em Macau, que é o único de todo o Extremo Oriente, vai contribuir para fazer de Macau o grande centro de informática da região. A tradução em chinês das informações, quando possível, contribuirá grandemente para o intercâmbio informático com o interior do país.

O CEI não se limitará à troca de informações, mas terá por objectivo principal ajudar as pequenas e médias empresas da região a encontrarem parceiros convenientes ou investidores potenciais, ou a estabelecer empresas internacionais de capital misto, gozando de diversas condições vantajosas, incluindo empréstimos sem juros (para capitais inferiores a dez milhões de dólares de Hong Kong), bem como prestar assistência nas áreas de investigação, formação de pessoal e gestão. A percentagem das acções da parte da CEE oscilará entre 10 a 20 por cento. Os solicitantes de empréstimos têm de apresentar um plano detalhado de cooperação de investimento e relatório de viabilidade do seu projecto; após obtenção de aprovação, levantam o empréstimo junto da instituição financeira que tenha assinado o acordo com a CEE. Actualmente em Macau, as petições são endereçadas ao Banco Nacional Ultramarino, podendo a resposta ser dada em apenas vinte dias. Os parceiros de investimento do interior do país têm de obter a garantia de um banco local, do Banco da China por exemplo, que tem relações com a CEE. A eficácia do investimento é submetida a avaliação dentro de cinco anos para se determinar a possibilidade da renovação do empréstimo.

As formalidades são relativamente complicadas, mas é de qualquer maneira uma óptima oportunidade para o interior obter, através de Macau, verbas, informações, assim como experiência da área da formação de pessoal e gestão da CEE.

A nosso ver, esta oportunidade deve ser plenamente aproveitada, em prol da cooperação regional e prosperidade conjunta.

